

## ECOS FEMININOS: A VOZ NARRATIVA NO ROMANCE DIAS E DIAS, DE ANA MIRANDA

Edjande da Costa Souza Azevedo<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho analisa a voz narrativa feminina no romance contemporâneo tendo como objeto o romance Dias e Dias, de Ana Miranda. Pretende-se discutir aqui de que modo Ana Miranda constrói essa voz feminina para contar a vida de um homem, destacando três de suas personagens femininas: a própria Feliciano, Ana Luiza e Natalícia. Entretanto, será de grande importância a observação das personagens masculinas como o pai de Feliciano e o poeta Gonçalves Dias. Entretanto, não é pretensão aqui fechar as discussões acerca do feminino no romance Dias e Dias, mesmo porque esse texto é parte de uma pesquisa em andamento.*

**Palavras-chave:** Narrativa; Feminino; Metaficção.

### INTRODUÇÃO

Ana Miranda foi testemunha da luta dos estudantes contra o regime militar, escrevendo e desenhando o que observava. Escritora cearense contemporânea, ela colabora com a revista Caros Amigos, escrevendo crônicas e foi escritora visitante na Universidade de Stanford em 1996. Ainda faz palestras e leituras em universidades e instituições culturais de vários países.

A própria Ana Miranda reconhece o caráter poético de seus livros e afirma:

A poesia é um dos elementos mais fortes nos meus romances, seja pela presença de poetas, seja pela linguagem em si. Ou, ainda, pelo amor que sinto pelas palavras, a poesia nos ensina a amar as palavras. Tenho, mesmo, a preocupação gestáltica dos poetas, e intitulo os meus capítulos, que são breves, terminam com algum efeito poético. (MIRANDA, 2005)<sup>2</sup>

Ela declara ainda: “todos os nossos personagens são criados por nossa mente de escritores, e fazem parte de nós. Nesse sentido, são um *outro eu*” [grifo da autora].

Antes de ser romancista, Ana Miranda é poeta, estudou artes e também é pintora. Seus romances “baseiam-se em sólida pesquisa anterior, que ela efetua com vigor, como se estivesse em preparo para uma defesa de tese”. (CASTELLO, 2002)<sup>3</sup>.

A produção literária de Ana Miranda teve início com a publicação de livros de poesias em 1979. Mas foi, sobretudo, com três de seus romances que ela ficou conhecida: Boca do Inferno, de 1989; A Última Quimera, 1995; e Dias e Dias, de 2002. Tendo dois desses recebido o prêmio Jabuti: Boca do Inferno em 1990, e Dias e Dias, em 2003.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras com Inglês pela UNEB, especialista em gramática pela UEFS, mestranda do curso de Letras da UFBA. E-MAIL: edjande@hotmail.com.

<sup>2</sup> Declaração feita no site do Jornal de Poesia, em 2005.

<sup>3</sup> Declaração feita no site do Jornal de Poesia, em 2002.

Nos romances *Boca do Inferno* e *A última quimera*, é um narrador que conta a história dos poetas Gregório de Matos e Augusto dos Anjos, respectivamente. Já em *Dias e Dias*, Ana Miranda constrói Feliciano, uma narradora que relata os acontecimentos da vida do poeta Gonçalves Dias.

Esse jogo entre real e ficcional, em que se constrói uma narradora para contar a história do poeta, leva-nos às seguintes buscas saber de quais elementos Ana Miranda lança mão para construir a voz narrativa de Feliciano no romance *Dias e Dias*. Como entender a criação de uma mulher para contar a história de um homem.

Em primeiro lugar, o texto aponta para elementos da metaficção historiográfica. Além disso, a escolha de Ana Miranda, seja em relação ao autor sobre o qual escreve, seja ao movimento literário em que esse autor está inserido, ou à linguagem que utiliza, sugere um texto autobiográfico. Ao construir uma narradora que compartilha das mesmas características do poeta sobre o qual conta a história, Ana Miranda parece romper os limites entre os discursos geralmente considerados como feminino ou masculino.

Esse trabalho, portanto, tem como objetivo principal analisar a construção da voz narrativa feminina nesse romance, e justifica-se por *Dias e Dias* ser uma obra ainda não tão explorada no meio acadêmico em especial na perspectiva de gênero. Além disso, ainda é escasso o número de mulheres que assumem a voz narrativa em romances contemporâneos, de acordo com pesquisa de Regina Dalcastagnè sobre a representação da mulher no romance brasileiro contemporâneo. O estudo sobre a voz narrativa feminina nesses romances é algo ainda mais raro.

A presente discussão, portanto, poderá contribuir para fortalecer ou enriquecer discussões sobre estudos de gênero e metaficção historiográfica que circulam no meio acadêmico.

Inicialmente, serão apresentados alguns pressupostos teóricos acerca da metaficção e de questões de gênero que norteiam o trabalho e em seguida serão discutidas as presenças de algumas personagens femininas nesse romance como interferências para a voz narrativa de Feliciano.

## A METAFICÇÃO EM DIAS E DIAS

Antes da década de 1960, dos Formalistas Russos aos Estruturalistas, nota-se uma preocupação em teorizar acerca da estética do texto literário, excluindo dele o sujeito. Esses teóricos olham o texto apenas como objeto de ficção (CULLER, 1999, p. 118-123). A partir das discussões pós-estruturalistas, com a nova crítica literária, surge uma proposta de releitura do que se havia construído até então no âmbito da teoria literária e com ela questões como: Qual o conceito de ficção? Qual o lugar da ficção no texto literário?

Antônio Cândido, escrevendo sobre poesia, ficção e autobiografia, considera que a autobiografia, mesmo objetivando sê-lo não deixa de ter caráter ficcional (CÂNDIDO, 2003, p.51).

Wolfgang Iser (1983, p. 957-984) sugere uma relação tríade do real, fictício e imaginário como substituta da mera atribuição do caráter ficcional ao texto literário. Abalam-se, com isso,

os limites e fronteiras do real/ficcional e entra em cena o termo cunhado por Linda Hutcheon (1991) como Metaficção Historiográfica.

Hutcheon afirma que as narrativas pós-modernas são uma “falsificação aberta da história”, propõem um diálogo entre presente e passado, buscando preencher lacunas antes existentes deixadas pelas narrativas meramente históricas, questionar discursos antes considerados inquestionáveis. Ainda segundo ela, “é essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças.” (HUTCHEON, 1991).

As narrativas pós-modernas são construídas a partir de uma diversidade de olhares. Dessa forma, abre-se a possibilidade de espaço para o olhar feminino.

No ensaio de 1829, *Um teto todo seu*, Virgínia Woolf afirma que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1945, p.6). De lá para cá, a voz feminina tem encontrado lugar na literatura, significativamente. Mas a diferença entre o número de vozes narrativas femininas e masculinas ainda é muito grande nos romances brasileiros contemporâneos. Segundo pesquisa de Regina Dalcastagnè, entre 1990 e 2004, apenas 31,7% de narradoras aparecem nos romances contemporâneos brasileiros, enquanto os narradores aparecem em 68,3%. Além disso, essas narradoras aparecem mais em romances escritos por mulheres do que naqueles escritos por homens. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 13-71). É inevitável observar a pesquisa de Dalcastagnè e lembrar que, para Rousseau (1968, p. 490), as mulheres só deveriam usar a razão a serviço do marido e dos filhos, ou seja, o raciocínio não cabia às mulheres.

## A NARRAÇÃO FEMININA EM DIAS E DIAS

### Feliciano

No romance *Dias e Dias*, Feliciano conta acontecimentos da vida do poeta Gonçalves Dias. Essa narradora toma conhecimento de fatos da vida do poeta através de cartas que ele enviava ao amigo Alexandre Teófilo. A esposa de Teófilo, Maria Luiza, mostrava as cartas à amiga, Feliciano. E através desta, temos acesso aos acontecimentos da vida familiar, amorosa e artística de Antônio Gonçalves Dias, bem como a um panorama histórico do Brasil na primeira metade do século XIX.

Os portugueses daqui não queriam nem ouvir falar em independência, diziam que a pobreza ia ser ainda maior se o Brasil fosse separado de Portugal. Mas a Independência veio de qualquer jeito, e foi o próprio filho do rei quem deu o grito, e quando veio a Independência o coronel Fidié retirou-se em Caxias, onde tinha muitos seguidores portugueses. (MIRANDA, 2002, p. 36)

“Antônio não era filho de verdade de dona Adelaide, e sim de uma negra, ou uma mestiça de africana com índio, uma negra que vivia com o seu João Manuel na rua do Cisco, como amásia, e que ele despachou para casar com dona Adelaide.” (MIRANDA, 2002, p. 26)

Por outro lado, Feliciano sempre se reporta a outros personagens para contar algo: É Maria Luiza que possibilita o seu acesso a informações sobre Antônio Gonçalves Dias, “Maria

Luiza até mesmo mostra-me as cartas de Antônio a Alexandre Teófilo, e essas cartas são verdadeiros relatórios da vida de Antônio[...]”(MIRANDA, 2002, p. 17); é seu pai que lhe conta alguns acontecimentos sobre a independência do Brasil: “papai [...] dizia que o lorde cochrane tinha levado o dinheiro depositado no cofre dos órfãos e ausentes porque fora obrigado, e quando ele foi embora as coisas pioraram muito, dizia papai, se ele tivesse ficado...[...].”

Através da voz de Feliciano temos, inclusive, uma análise do comportamento e do discurso dos homens:

[...] os homens costumam abrir seu coração a outros homens de uma forma como nunca o fazem para as mulheres, e Antônio confessa a Alexandre Teófilo coisas que jamais confessaria a outra pessoa, como: *É preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma*, falando das mulheres ou: *É preciso não o dizer nem a ela nem a ninguém, para não converter a brincadeira em enterramento*, medroso do amor, coisas que me fazem febre. (MIRANDA, 2002, p. 17)

Ora, a mulher sempre teve a sua história narrada pela voz masculina. Depois ela passa a contar a própria história. Aqui temos uma mulher contando a história do homem.

Apesar disso, Feliciano, assim como Gonçalves Dias se exila, mas no amor. No trecho que segue, percebe-se o quanto Feliciano se refugia no amor de Antônio:

Trago nas minhas mãos os versos que Antônio escreveu para meus olhos, quantos anos tínhamos? Eu doze, ele treze, pois isso se deu em 1836. A poesia fala em olhos verdes, e naquele momento, quando a li pela primeira vez, acreditei que fossem os meus olhos, mas meus olhos não chegam a ser verdes, têm mais a cor das folhas quase secas da palmeira, ou talvez a cor da água da baía de São Marcos, uma água suja de lama e areia dos moventes baixios, revolvidas pelas dimensões da lua, pelo percorrer incessante dos saveiros de pesca, esta água que agora vejo ao sol da manhã. (MIRANDA, 2002, p. 15).

É impossível ler o trecho acima e não observar a poesia de que Ana Miranda lança mão em seus textos, como afirma em citação anterior. É notório, ainda, o escapismo, o sonho de Feliciano, o amor que ela nutre por Gonçalves Dias, crendo que a poesia foi feita para os seus olhos, o que não podemos, entretanto, negar totalmente por conta desse jogo entre real e ficcional que acompanha toda a narração.

## **Maria Luiza**

Maria Luiza é a esposa de Alexandre Teófilo, amigo com quem Gonçalves Dias se corresponde. Ela lê as cartas que Gonçalves Dias envia para o marido e mostra-as a Feliciano. Essa personagem parece tentar trazer Feliciano para a realidade. Ela representa a consciência, a razão, é muito objetiva, como se pode perceber na passagem a seguir:

Maria Luíza acha que os versos aos olhos verdes não foram escritos para mim, porque meus olhos não são verdes, e que Antônio jamais se apaixonaria por mim, embora tenha se apaixonado por centenas de moças e mulheres e senhoras e viúvas, nem mesmo me amaria como alguma preciosa recordação de sua infância, Antônio não poderia amar alguém como eu, nem deve lembrar-se de

mim, diz Maria Luíza, que o conhece melhor do que eu, ao menos ela acha assim,[...]”(MIRANDA, 2002, p.17)

## Natalícia

Antes de morrer, a mãe de Feliciano fez o marido prometer que manteria a irmã, Natalícia, em sua casa para cuidar de Feliciano. E foi o que ele fez. Natalícia, então passou a orientar Feliciano em vários sentidos, mas também satisfazia o pai dela sexualmente. Essa personagem parece ser um referencial negativo para Feliciano, que reflete sobre a condição da vida da própria mulher, da sua própria vida e da tia: [...] que coisa haverá mais irrisória do que a vida de uma mulher, do que a minha vida? Quiçá a dos velhos, a vida de papai, a de Natalícia ainda pior, e que tristeza a vida do professor Adelino![...]. (MIRANDA, 2002, P. 51). Ela ainda afirma:

“A vida que me esperava era a mesma vida de Natalícia, eu olhava os dias e dias da sua vida e sentia vontade de me desviar daquilo, Natalícia trabalhava o dia inteiro, sem um minuto de preguiça nem de cansaço, cuidava que nada fosse água abaixo, economizando cada tostão de papai, cada resto de manteiga no papel, aproveitando cada gota de leite[...]” (MIRANDA, 2002, p. 59)

Natalícia é a representação da mulher da época, primeira metade do século XIX, no que diz respeito à relação da mulher com a intelectualidade, de acordo com o que narra Feliciano:

Natalícia pôs fim no livro antes que eu abrisse a primeira página, porque a leitura deixava as moças doentes, encorajava a imoralidade, os romances eram silenciosos instrutores na arte da intriga, disse Natalícia, os romances faziam as moças ficarem incapazes de cumprir suas obrigações no lar, responder aos pais, viver reclamando de não ser filhas do presidente e determinadas a se tornar as mesmas heroínas que só existiam no papel.(MIRANDA, 2002, p. 25)

Em depoimento escrito em 1839, Louisa Garrett Anderson conta que:

[...] os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era algo supérfluo: modos, música e um pouco de francês seria o suficiente para elas. 'Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido', esse era um pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. Seus irmãos deviam ir para escolas públicas e universidades, mas a casa era considerada o lugar certo para suas irmãs. Alguns pais mandavam suas filhas para escolas, mas boas escolas para garotas não existiam. Os professores não tinham boa formação e não eram bem educados. Nenhum exame público (para escolas) aceitava candidatas mulheres.

O sofrimento conformado de Feliciano, o escapismo, enfim, o romantismo da personagem se confirma com o seu comportamento diante da espera. O romance se inicia com a narradora esperando por Antônio no cais:

Logo que soube da chegada de Antônio no dia 3 de novembro, no Ville de Boulogne, viajei para São Luís e aqui estou, esperando no embarcadouro a chegada do velho brigue francês que partiu do Le Havre, e há dias e dias sinto o meu coração como um sabiá na gaiola com a porta aberta, tenho vontade de

girar, girar até ficar tonta e cair no chão, como eu fazia quando era menina[...].  
(MIRANDA, 2002, p. 15)

E é nesse mesmo lugar que Feliciano espera por “Antônio” no final do texto:

[...] sento no muro, cai uma chuva fina, ninguém no embarcadouro, só um bando de cachorros olhando-me curiosos, e os leões de pedra do palácio lá longe parecem mexer-se, frios os canhões, as ruas vazias da vila, as nuvens, eu aqui na lembrança dos ventos batida, sinto-me tão sozinha. [...] enquanto declamo espero, mas o tempo não passa, olho o mar, gorjeio como sabiá, assobio como papai, remedo Natalícia, tenham paciência! [...] decido ir embora, escuto o som do bandolim do professor Adelino, fecho os olhos e escuto, com a sensação de que é apenas o som do vento nos mastros dos barcos, sinto assim como um raio me partir ao meio e então nesse instante meu coração começa a bater de um jeito como nunca batera antes. (MIRANDA, 2002, p. 234)

No epílogo, a morte de Gonçalves Dias se dá num naufrágio tal qual é relatado nos textos biográficos, mas há um elemento que surpreende: Entre as correspondências do poeta encontradas após o naufrágio, está uma carta de Feliciano, recurso que provoca uma confusão no leitor, um possível questionamento sobre os limites entre o real e o ficcional.

## CONCLUSÃO

Apesar da presença da voz narrativa feminina no romance *Dias e Dias*, percebemos que ela não aparece única e solitária. Há várias vozes por trás desta, seja a do pai da própria Feliciano, seja a do poeta Gonçalves Dias, a de Natalícia, ou a de Maria Luiza. Mas o que se percebe é que Feliciano é uma porta-voz de Ana Miranda, uma vez que suas considerações acerca de questões como a condição da mulher naquela época tem aspectos do pensamento contemporâneo. A sua imaginação, a reflexão sobre a mulher, os conhecimentos acerca da época vivida pelo poeta Gonçalves Dias sugere que a voz narradora sinaliza para uma visão contemporânea do universo feminino.

Feliciano parece exibir os conhecimentos da autora, expressos pelas personagens que colaboram com a sua narrativa: o pai, contando histórias da independência do Brasil; Maria Luiza, com a sua racionalidade; a subserviência e conformismo de Natalícia contando a origem de Gonçalves Dias, e finalmente o próprio poeta, com suas cartas e poemas.

Trata-se de uma história que tem muito para ser considerada como uma narrativa nos moldes românticos, em que Feliciano tem como amor um homem inacessível. Mas se não o conquista carnalmente, ela se une a ele em termos da linguagem poética com que narra, do sentimentalismo e da idealização. Não seria exagero, portanto, afirmar que Feliciano parece em alguns momentos absorver tanto a vida do poeta que se confunde com ele, o que revela algo, no mínimo, interessante: a possibilidade de se discutir a partir desse texto o rompimento com os limites entre os discursos geralmente considerados como masculino ou feminino.

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. In: \_\_\_\_\_ **A Educação pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 2003. p. 51-69.

CULLER, Jonathan. Escolas e movimentos literários. In: \_\_\_\_\_ **Teoria Literária; Uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999. p. 118-126.

DALCASTAGNÈ, Regina. “**A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004)**”. Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea, n.º. 26. Brasília, 2005. p. 13-71

HUTCHEON, L. **Narcissistic narrative: the metafictional paradox**. Resumo e tradução de Bunilda T. Reichmann. 2 ed. New York: Methuen, 1984.

HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. In: \_\_\_\_\_. **Poética do Pós Modernismo: História, Teoria, Ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 19-41.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. II, p. 384-416 .

MIRANDA, Ana. **Dias & Dias**. São Paulo. Companhia das Letras. 2002. 243 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 490.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945. 141 p.